

A PRODUÇÃO DESIGUAL DO VIVER: SEGREGAÇÃO E FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL EM CHAPECÓ/SC

Gabriela Onofre¹

Igor Catalão²

Palavras-chave: Segregação socioespacial; Fragmentação socioespacial; Produção do espaço urbano; Chapecó.

INTRODUÇÃO

A cidade de Chapecó, consolidada como o principal polo econômico do oeste catarinense e detentora de uma expressiva importância no setor alimentício nacional, apresenta uma dinâmica de estruturação urbano-regional que repercute as contradições das cidades médias brasileiras contemporâneas. Com uma população estimada pelo IBGE em aproximadamente 286 mil habitantes para o ano de 2025, a cidade atravessa um processo de urbanização acelerada que resulta na cristalização de zonas profundamente desiguais. Enquanto áreas dotadas de robusta infraestrutura concentram-se em setores privilegiados, as periferias expandem-se sob o signo da precariedade, revelando que a lógica da ação governamental não tem priorizado a produção de uma estrutura urbana de qualidade e integrada, mas favorecido os interesses econômicos dos agentes fundiário-imobiliários. Nesse cenário, manifestam-se, de forma aguda, os processos de segregação socioespacial e autosegregação. Este último, compreendido como a busca voluntária de grupos de alto poder aquisitivo por espaços planejados e homogêneos, mobiliza ideários de segurança, status e valorização imobiliária para justificar a criação de espaços seletivos. Sob essa ótica analítica, o objetivo da pesquisa é investigar as manifestações dessas dinâmicas a partir de dois recortes empíricos contrastantes: o bairro Vila Rica (iniciado ainda no final dos anos 1970) e o loteamento Revoar (ainda em processo de implantação). A pesquisa problematiza em que medida a produção de novos

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Fronteira Sul, gabriela09ono@hotmail.com.

2 Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Fronteira Sul, igor.catalao@uffs.edu.br.

empreendimentos planejados aprofunda a fragmentação do tecido urbano e dificulta o acesso ao lazer, aos serviços e à própria experiência da vida cidadina.

METODOLOGIA

A fundamentação deste trabalho reside em uma abordagem qualitativa pautada na geografia urbana crítica, voltada à interpretação da cidade como produto de relações sociais e interesses contraditórios. O percurso investigativo foi sistematizado através dos seguintes procedimentos:

- Revisão bibliográfica, fundamentada em autores seminais que discutem a produção seletiva do espaço e a fragmentação urbana e na produção bibliográfica recente sobre o tema disponível em portais acadêmicos, como Scielo, Google Scholar, Latin Index, entre outros.
- Observação direta em campo, com foco na análise da infraestrutura, uso da terra, mobilidade e identificação de elementos da fragmentação (cortes, muros e discontinuidades).
- Registros fotográficos para documentação da morfologia urbana e das rupturas físicas entre os recortes estudados.
- Entrevistas semiestruturadas realizadas com moradores do bairro Vila Rica, visando registrar as experiências sobre as práticas espaciais, os estigmas e o acesso à cidade.
- Análise comparativa e interpretativa, articulando a empiria ao referencial teórico para compreender as implicações da urbanização fragmentária.

RESULTADOS, AVANÇOS E REFLEXÕES

A análise comparativa prévia possibilita aventar a hipótese de que os recortes espaciais revelam a coexistência de realidades antagônicas que definem a morfologia de Chapecó. O bairro Vila Rica exemplifica a segregação socioespacial em sua face mais vulnerável, marcada por limitações estruturais severas e dificuldades de mobilidade que isolam seus residentes. Concomitantemente à análise de sua precariedade física, é possível vislumbrar que há estigmas sociais persistentes que operam como barreiras simbólicas no cotidiano.

Em oposição, o loteamento Revoar, embora ainda em construção, já se materializa como uma produção seletiva do espaço e um enclave urbano. Becker (2025) destaca que

o empreendimento atende a uma nova demanda por exclusividade e áreas verdes. Sob o prisma crítico, essa demanda é impulsionada pelo fato de o centro tradicional de Chapecó ter perdido seu poder de diferenciação social por atender a variadas classes. Assim, o mercado imobiliário promove o distanciamento geográfico de classes mais abastadas para garantir a exclusividade, enquanto as classes populares, já tradicionalmente periféricas, vivem este distanciamento como ausência e precariedade.

Este fenômeno dialoga diretamente com as contradições capitalistas discutidas por Santos (1993), onde o espaço é condição para a reprodução de desigualdades. A atuação dos agentes hegemônicos promove a mercantilização do solo (Carlos, 2001), transformando a cidade em um somatório de enclaves que alimentam a noção de "cidade partida" proposta por Souza (2000). A morfologia urbana resultante caracteriza-se como um mosaico ou um "arquipélago de fragmentos" (Legroux, 2021), onde a lógica fragmentária introduz no espaço urbano cortes, muros, confinamentos e descontinuidades físicas que rompem com a unidade do tecido social.

Essa dispersão urbana, expressão explorada por Catalão (2014), reflete uma "esquizofrenia de espaços" onde a reestruturação produtiva e a segmentação territorial hierarquizam o direito de existir na cidade. Conforme sugerido por Sposito e Sposito (2020), a fragmentação não é apenas morfológica, mas uma espacialização do capitalismo avançado que demanda uma ressignificação do acesso ao urbano. A relação entre a produção capitalista do espaço e o direito à cidade é, portanto, essencialmente antitética, produzindo uma urbanização descontínua que privilegia a renda e a distinção social em detrimento da integração coletiva (Catalão; Magrini, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS E PROJEÇÕES

Os achados desta pesquisa poderão confirmar que o crescimento econômico e a expansão territorial de Chapecó têm ocorrido de forma desarticulada, agravando a fragmentação socioespacial. Empreendimentos planejados como o Revoar funcionam como mecanismos de exclusividade que, ao buscarem se distanciar da heterogeneidade do centro, acabam por segmentar o acesso à cidade e isolar grupos sociais em ilhas de privilégio. Esse processo culmina na negação sistemática do direito à cidade (Lefebvre, 2008).

Ao ser submetido à lógica da mercadoria, o espaço urbano deixa de ser uma "obra coletiva" e comum a todos para se tornar um ativo financeiro acessível apenas a grupos selecionados. Conclui-se que a urbanização contemporânea em Chapecó reflete uma produção desigual do viver, onde a estruturação de enclaves de autosegregação e a persistência de periferias carentes evidenciam que a cidade, enquanto espaço de convivência e sociabilidade, está sendo sacrificada em favor da valorização imobiliária e da segmentação social.

REFERÊNCIAS

- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 2001.
- CATALÃO, Igor. Dispersão urbana: apontamentos para um debate. **Cidades**, v. 2, n. 21, p. 250-277, 2014.
- CATALÃO, Igor; MAGRINI, Maria Angélica. Insurgência, espaço público e direito à cidade. **Revista da Anpege**, v. 13, n. 22, p. 119-135, 2017.
- LEGROUX, Jean. A lógica urbana fragmentária: delimitar o conceito de fragmentação socioespacial. **Caminhos de Geografia**, v. 22, n. 81, p. 235-248, jun. 2021.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2008.
- SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **O desafio metropolitano**: um estudo sobre a problemática socioespacial nas metrópoles brasileiras. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- SPOSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Fragmentação socioespacial. **Mercator**, v. 19, 2020.